



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Maio de 2013, nº 165



SARA

A TRANSFORMAÇÃO DA DEUSA HINDU EM SANTA

Mirella Faur

Na Idade Média havia uma lenda difundida em Provença, que, após a crucificação (em torno do ano 42), Lázaro, suas irmãs Maria Madalena e Martha, junto com Maria Jacobé, Maria Salomé e Maximiano foram colocados pelos soldados romanos num barco sem velas, nem remos, para assim perecerem no mar. Depois do barco ser levado pelos ventos, apesar da falta de equipamento e comida, a embarcação conseguiu

resistir às tempestades e aportou numa praia no Sul da França, próxima ao desaguar do rio Ron, num vilarejo conhecido atualmente como Saintes Maries-de-la-Mer. Também segundo a lenda, cada um dos viajantes seguiu rumos diferentes. Maria Madalena teria ido para Saint Baume, onde se refugiou em uma gruta no alto da montanha, de muito difícil acesso e lá passou o resto da sua vida, envolta apenas pelos seus longos cabelos e



sendo alimentada duas vezes por dia pelo mana trazido pelos anjos. A gruta foi e continua sendo lugar de peregrinação, pois a partir do século 5 os monges cristãos tentaram melhorar o árduo caminho; como reis participavam das peregrinações, para sua facilidade foi construído o "chemin de rois", percorrido a cavalo.

A grande descoberta cristã teria sido em 1279, quando os supostos ossos de Maria Madalena foram encontrados perto de Saint Maximim. Um documento datado de 710 (que depois desapareceu), encontrado pelo conde Charles de Provence depois de um aviso num sonho, teria confirmado a autenticidade do achado. Charles gastou sua fortuna para construir a Basílica de Saint Maximim, onde é guardado o suposto crânio de Maria Madalena num relicário. Esta igreja era um ponto importante no culto dos cátaros (que reverenciavam Madalena como sendo a esposa de Jesus) e ainda é muito visitada atualmente.

As Marias - Jacobé e Salomé - permaneceram na área, curando e ajudando doentes e crianças. Martha foi para Tarascon, onde domou um monstro que saía das águas de Ron para devorar pessoas e animais. Lázaro foi para Marselha onde cristianizou a população e se tornou o primeiro bispo cristão. Em outra versão, Maria Jacobé, Maria Salomé e Maria Madalena teriam supostamente ensinado o cristianismo à população local. Isto é apenas um mito, já que oficialmente o cristianismo passou a existir na Europa muito tempo depois da morte destas Marias.

Os mitos sobre as origens de Sara

No barco dos refugiados cristãos veio também uma enigmática jovem com pele escura - Sara - descrita de várias maneiras pelos historiadores: ora como uma empregada egípcia das Marias (que estava junto delas quando encontraram o túmulo vazio de Jesus), ora como uma princesa cigana acampada nas areias de Camargue, que teria ajudado o barco a atracar, ora como uma sacerdotisa egípcia refugiada na Líbia, que teria

vindo junto com as Marias e guiado o barco, orientando-se pelas estrelas. A mais recente versão divulgada pelos escritores Margaret Starbird (A mulher com o jarro de alabastro), Michael Baigeant & Richard Leigh (Holy Grail, Holy Blood) e Dan Brown (O Código da Vinci) a apresenta como filha de Jesus e Maria Madalena, crença partilhada pelos cátaros e motivo da sua dizimação pelo Vaticano. No dogma cristão, afirma-se que Maria Madalena teria vivido e morrido em Éfeso e suas relíquias foram levadas para Constantinopla, apesar de faltar qualquer evidência histórica ou arqueológica para esta suposição.



Existem vários erros e anacronismos entre a chegada do barco no primeiro século, a lenda das Três Marias datada do século 13 e a citação cristã da presença de Sara no século 16, descrita como coletora de esmolas para auxiliar as Marias. Este fato fez pressupor que fosse cigana e por isso ela teria sido adotada como padroeira dos ciganos. Outra lenda diz que Sara, a egípcia, espalhou seu manto sobre a

água quando o barco estava em perigo de afundar-se, permitindo assim todos chegassem a terra com segurança. Uma lenda popular Romani afirma que Sara era a "rainha" de um grupo cigano na área aonde chegaram as três Marias, que foi batizada por elas e aprendeu o cristianismo. Na atual igreja de Saintes Maries dedicada ao Saint Michel, existem estátuas das duas Marias "brancas" e uma da negra Sara, atualmente aceita como santa cristã.

Na Idade Média, os monges cristãos procuraram achar relíquias milagrosas atribuídas às santas e em Saintes Maries-de-la-Mer foram achados vários crânios humanos arrumados em forma de cruz e os esqueletos de três mulheres. Junto dos ossos tinha uma pedra polida de mármore chamada de "travesseiro das santas", sobre a qual estavam os crânios das mulheres e um altar de pedra. A descoberta serviu como prova (mesmo sem ter uma verificação científica posterior) de que os corpos pertenciam às três Marias. O rei René

d'Anjou e sua rainha Isabelle ordenaram o enterro dos ossos num oratório construído em 1448. (A cripta em que se encontra atualmente a estátua da Santa Sara data desta época). Numa cerimônia na presença do casal real, as relíquias foram colocadas acima do altar da igreja de Saint Michel. Durante a revolução francesa, os relicários foram destruídos, mas os ossos salvos pelos padres e depois colocados em novos relicários, que começaram a ser levados em procissão a partir de 1862. Com o passar do tempo, Maria Madalena foi esquecida pela Igreja e desapareceu do trio de Marias. Atualmente, a versão oficial e moderna da Igreja é que apenas as duas Marias (Jacobé e Salomé) chegaram em um barco da Palestina com sua serva Sara, que agora é chamada de Santa Sara, apesar de que oficialmente não seja santificada ou beatificada pela igreja, sendo mantido somente seu culto local.

Reminiscência de Kali ou de uma Madona Negra

O encontro dos três esqueletos explica a presença das Marias, mas nenhuma prova da existência de Sara foi achada. É a sua estátua negra - e não suas relíquias - o ponto central no seu culto e que é levada anualmente em procissão pelos ciganos. A presença da estátua negra na cripta da igreja permanece misteriosa e sem nenhuma explicação oferecida pelas autoridades da igreja. A estátua atual é substituída de uma estátua anterior, que por sua vez substituiu uma mais antiga. Acredita-se que ela represente de fato uma Madona Negra ou que ela seria a versão cristianizada da deusa hindu Kali, cultuada pelos ciganos e do cujo culto faz parte a procissão para o mar.

Embora existam muitas Virgens e Santas Negras nos países cristãos do mundo todo, destaca-se como um enigma a imagem negra adorada pelos ciganos em Saintes Maries-de-la-Mer em Camargue. A verdadeira origem desta imagem é perdida nas brumas do tempo antigo, entretanto não há dúvidas da existência de imagens de Deusas Negras muito antes da existência do cristianismo. De acordo com alguns pesquisadores e confirmado pelas escavações arqueológicas, a atual Saintes Maries de-la-Mer foi venerada como um local sacro desde a pré-história, originalmente pelos celtas. Conhecida como Oppidum Priscum Ra tinha uma fonte sagrada onde eram cultuadas as deusas tríplexes Matres, substituídas depois pelos cultos romanos. Há evidências que no primeiro século d.C., ainda havia templos de Ártemis, Cibele e Ísis nas redondezas e o local era conhecido como Ratis, que significa "jangada".



Posteriormente o termo foi aplicado à própria igreja cristã, que tem formato de barco e por muito tempo foi conhecida como Notre Dame de Ratis ("Nossa Senhora da Jangada"). Com o advento do cristianismo e da prática comum de transformar templos pagãos em igrejas e deuses em santos, provavelmente algum culto local e seu templo dedicado a deusas tríplexes como as Matres fora assimilado ao mito das Três Marias.

Muitas lendas foram criadas e continuam aparecendo novas versões místicas ou romanceadas, sem existir uma confirmação oficial apresentada pela Igreja Católica Romana, para explicar as lendas folclóricas dos grupos ciganos, que frequentam a peregrinação anual ao santuário de Saintes Maries-de-la-Mer nos dias 24 e 25 de maio. A maioria destes romeiros vindos da França, Espanha, Hungria, dos países do leste europeu e de outras partes do mundo, chegam alguns dias antes da festa e acampam próximo ao santuário, onde trocam notícias, arranjam casamentos, oferecem leituras de mão aos turistas, dançam e tocam músicas para homenagear Santa Sara Kali. Uma vigília noturna precede o dia 24 de maio, feita na cripta onde a imagem negra de Santa Sara fica alojada.

O povo cigano

Existe muito nonsense escrito sobre os ciganos que foram difamados, repelidos, perseguidos e mortos ao longo dos séculos no mundo todo. Atualmente, através de pesquisas linguísticas e genéticas, conhece-se a sua origem: eles saíram do Norte da Índia em torno de 900, chegaram à Pérsia em 950 e no Egito em 1230. Entraram na Europa central através de Bulgária e Romênia (que talvez explique sua autodenominação de Romi ou Romani) no final do século 14 e até meados do século 15 haviam se espalhado tão longe como Espanha e tão a leste como a Polónia, Ucrânia e Lituânia. Sua primeira aparição documentada na França foi em Paris em 1415. Os gitanos, nome usado para definir os ciganos na Europa (devido à sua proveniência do Egito) são um

povo misterioso e que jamais partilhou suas crenças religiosas. Supõe-se que eles cultuam Sara como a reminiscência de uma antiga deusa pagã, possivelmente Kali ou uma Madona Negra. São mencionados como estando presentes na peregrinação e procissão de Saintes Maries de-la-Mer tão cedo quanto meados do século 15.

Qualquer tentativa de definir quem realmente é Sara La Kali ou para explicar como ela passou a ser adorada pelos ciganos no contexto do dogma oficial, está condenada ao fracasso, a menos que a questão seja abordada partindo da visão da cultura cigana. No passado, a maioria dos ciganos que participavam da peregrinação anual foram os Sinti franceses, outros grupos Rom da França e os Calés da Espanha. Durante a era comunista, os ciganos eram impedidos de viajarem para realizarem a peregrinação, levando ao crescente número atual de peregrinos. Além deles, existem milhares de turistas que apenas vão ao local para admirar a festa colorida, tirar fotos e filmar. Atualmente, o número de antropólogos, cineastas amadores e profissionais, curiosos, grupos místicos, turistas e outros não-ciganos geralmente supera a presença numérica dos ciganos.

Até recentemente acreditava-se que a adoração a Sara Kali, a Santa Deusa Negra dos ciganos era única em Saintes Maries-de-la-Mer. Entretanto, uma pesquisa realizada por Ronald Lee com os refugiados ciganos da



República Checa, Eslováquia, Polónia e dos países dos Balcãs revelou o fato pouco conhecido que outras Virgens Negras são adoradas por ciganos. Este culto existe no centro e leste da Europa, nas Américas (Canadá, Estados Unidos, México, Brasil) e os ciganos desses países realizam rituais similares. Esses rituais consistem em levar a estátua da Madona Negra sobre uma plataforma adornada com flores para a água mais próxima, seja mar, lago, rio ou mesmo uma lagoa de água límpida. A plataforma é, então, abaixada para tocar a água, enquanto a multidão joga flores e entoou louvações.

As cerimônias de Saintes Maries de-la-Mer, conhecidas como Le pelerinage des Gitans ("peregrinação dos ciganos") são bastante elaboradas e atraem uma multidão de fieis e curiosos, que aumenta em quarenta vezes a população local da pequena cidade. Na tarde do dia 24 de maio, as estátuas das duas Marias são retiradas dos seus nichos na parte de cima da igreja de Saint Michel. As pessoas elevam as crianças e tentam tocar as estátuas antes de serem colocadas no chão para obterem suas bênçãos. Em seguida, a estátua negra de Santa Sara é retirada da cripta da parte de baixo da igreja, onde centenas de velas de cera enfumaçam o ambiente. No pedestal da santa amontoam-se roupas de doentes à espera de curas e inúmeros pedidos e oferendas de colares, pulseiras, echarpes, notas de dinheiro e flores. A estátua da Santa é vestida com novas e brilhantes roupas e é levada em procissão sobre uma plataforma adornada com flores, e carregada por ciganos. A procissão liderada pelos padres segue pelas ruas estreitas escoltada por guardiões cavalcando cavalos brancos. A multidão de fieis e turistas acompanha com gritos de "Vive Sainte Sara" até a praia, onde a plataforma é abaixada pelos guardiões até tocar a água, enquanto a multidão joga flores, se benze com a água do mar e continua gritando e pedindo bênçãos da santa. Depois, a procissão volta para a igreja onde a multidão continua a veneração, formando filas para acender velas e passar na frente da estátua, colocando pedidos e presentes aos seus pés, lenços no seu pescoço ou beijando o rosto da santa. No dia seguinte, as estátuas das duas Marias são colocadas em um pequeno barco enfeitado com flores e levadas em procissão até o mar, enquanto um número menor de pessoas grita "Vive les Saintes Maries". Esta parte do festival tem uma nuance provençal local, sendo associada com participações artísticas dos ciganos. Para os ciganos que vêm de vários lugares dos países europeus este festival oferece uma oportunidade de renovar laços familiares, contratos sociais, negociar casamentos, conduzir negócios e batizar crianças na igreja das duas Marias e de Santa Sara. Algo pouco divulgado é o terceiro dia do festival, quando touros brancos são conduzidos pelas ruas, enquanto as pessoas tentam desviá-los do seu rumo. Esta parte é uma reminiscência do culto do deus

Mithra anterior ao cristianismo.

Estudiosos indianos e pessoas que testemunharam a cerimônia cigana, bem como os observadores ocidentais que estão familiarizados com os costumes religiosos hindus, identificaram esta cerimônia com a Durga Pooja da Índia. No idioma Romani, Kali Sara significa "Sara Negra" e na Índia, a Deusa Kali é conhecida sob seus aspectos de como Kali, Durga e Sara. Kali é o feminino de kala = escuro ou preto e a deusa Kali era descrita como uma deusa de pele negra, fato que explica a identificação de Sara com Kali e a Madona Negra. Como os hindus, os ciganos praticam o Shakhtismo, isto é, a adoração de deusas/energias femininas. Em outras palavras, os ciganos que frequentam a peregrinação a Saintes Maries-de-la-Mer na França e em outras cerimônias semelhantes honram divindades femininas negras, pois na verdade continuam a adorar Kali / Durga / Sara, sua Deusa original indiana. Do seu aspecto inicial violento, atemorizador e aniquilador, Kali evoluiu para uma Deusa Mãe benevolente, sendo reverenciada como Bhavatarini, a "redentora do universo". Os ciganos reverenciam Sara-la-Kali como a Mãe Protetora, que vai curar doenças, perdoar erros e pecados, trazer boa sorte e fertilidade nas uniões e conceder o sucesso em empreendimentos comerciais.



Em uma viagem de estudos que fiz no Sul da França em 2012, participei dos dois dias da comemoração. O calor, a multidão amontoadas nas estreitas ruas ou ao longo da praia, as

peças se empurrando para ter uma melhor visão para as fotos ou se desviar dos cavalos, não favoreciam uma real conexão com o objetivo da procissão. Os padres com batinas brancas e chapéus de palha falavam entre si ou no telefone e algumas devotas gritavam "Vive Sainte Sara" sem parar. Na volta da praia, as pessoas corriam tentando chegar mais cedo à igreja para passar na frente da estátua e deixar seus pedidos e presentes. Consegui me recolher e criar uma conexão com a antiga egrégora do local me sentando perto de uma moldura de vidro no chão, embaixo da qual sabia que havia a antiga fonte sagrada das deusas celtas e de Ísis. Foi durante estes momentos que senti fortemente a permanência secular da energia sacra das Madonas Negras, manifestada na figura de Sara La Kali, cujo culto atual, independentemente do aspecto folclórico e da adaptação cristã, mobiliza a adoração e veneração de multidões para Aquela que foi, é e continua sendo a Nossa Negra Mãe.

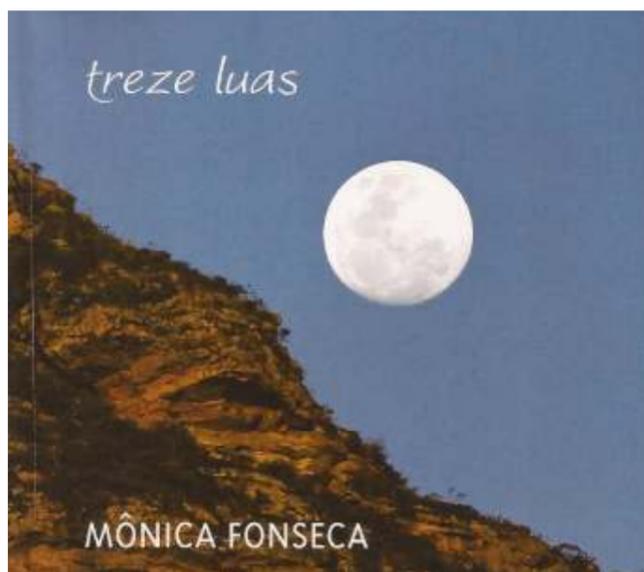


As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "No Silêncio", de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Quinta Lunação: Mãe Guardiã do Silêncio. Aquela que ouve.

No Silêncio

Silêncio
O amor está aqui
Respostas ao vento
Posso ouvir
Percebo em mim
A sincronia
Estou no silêncio
Entro no silêncio
No amor



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte o "Anuário da Grande Mãe" de Mirella Faur.

**O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.

Próximo Ritual

Plenilúnio e Solstício: Celebração da Deusa irlandesa Aine - Povo das Fadas



Data: 23 de junho de 2013 às 20h

Usar saia ou vestido na cor verde.

Lista de material:

- * 1 vela verde dentro de um copo
- * 1 punhado de sementes
- * incenso de flores
- * 1 triskelion
- * 1 cristal de quartzo com incrustações ou fantasmas

Somente para mulheres

Todos os rituais são realizados na UNIPAZ - Brasília
Energia de troca: R\$ 15,00

Espaço Alcateia: um sonho cada vez mais próximo

por Vera Pinheiro



Um lindo caminho de luz, rompendo a escuridão da noite, norteava o caminho de quem chegava ao lugar. Sob a lua plena, os olhos descobriam com vagar e boa surpresa a obra surgida da união do masculino com o feminino, ambos sagrados e de mãos dadas para o mesmo objetivo, a construção do Espaço Alcateia.

O primeiro ritual realizado no círculo incrustado no colo da natureza celebrou Beltane, e não haveria de ser outra a ocasião senão a do casamento sagrado da Deusa e do Deus, do Céu e da Terra. A emoção de todos se traduziu na dança, nas preces, na alegria, na intenção de ver crescer na Unipaz um recanto da Teia de Thea e dos Lobos do Cerrado, e se manifestava então, na noite de 30 de abril de 2013, o indisfarçável contentamento de,

finalmente, pousar os pés em um lugar que poderemos chamar de nosso.

As chamas da fogueira elevavam o entusiasmo de tornar realidade o sonho e de fazer acontecer o projeto, superando corajosamente os desafios que se atrelam às iniciativas de grande porte e de recursos poucos. O terreno escarpado abria clareiras, passagens e possibilidades de erigir ali o que foi concebido na vontade, um espaço sagrado que nos abrigasse e fizesse, enfim, acalmar a saudade de outro lugar, a Chácara Remanso, onde Mirella Faur e Claudio Capparelli desenvolveram uma obra espiritual e humana sem precedentes na história brasileira.

Os laços de fita se entremeavam no Mastro de Maio, que fertilizou o ventre da terra do mesmo modo que a ação integrada fez o sonho possível. Ao redor do grande círculo, o terreno em obras simbolizava que o trabalho não terminou, que há muito a fazer, que ainda é preciso o esforço conjugado de homens e mulheres que se encontram no caminho sagrado para edificar um anseio que é de todos. Sigamos, pois. De mãos e corações unidos até que possamos celebrar a obra feita, um dia desses, logo ali na curva do tempo.

Saiba como apoiar a construção do templo

Para tornar realidade o sonho de um templo sagrado que abrigará as reuniões e celebrações da Teia de Thea e do Clã Lobos do Cerrado, diversos esforços estão empregados, por homens e mulheres, com o objetivo de levantar os recursos necessários para levar a obra adiante e concluir o projeto de um espaço que possibilitará a realização de estudos e vivências do sagrado feminino e a conexão com as antigas tradições celta e xamânica. Mas para que o templo se torne realidade, todo apoio é bem-vindo. Por isso, é com amor que informamos que a Alcateia está disponível para receber doações de todos aqueles que puderem e quiserem ajudar a tornar esse sonho real.

Com alegria agradecemos a todos que puderem nos apoiar, seja doando qualquer quantia em dinheiro direto na conta-poupança informada abaixo ou emanando as vibrações positivas necessárias para que o projeto se concretize.

Banco: Caixa Econômica Federal

Número do Banco: 104

Agência: 0647

Poupança: 013

Conta: 15568-3

Favorecido: Cláudio Medeiros (Tesoureiro da Associação)

CPF: 416.312.691-00



CO₂ na atmosfera bate recorde: 400 ppm!

Antes do que imaginavam e desejavam leigos e especialistas, a concentração de CO₂ na atmosfera atingiu, no dia 10 de maio de 2013, a assustadora marca de 400 partes por milhão (ppm), medidos na estação de Mauna Loa, a mais antiga do Havaí. Há muitos milhões de anos o Planeta Terra não conhece essa concentração de CO₂. Da última vez, ainda nem havia humanos por aqui. Talvez fosse muito quente para seres frágeis como nós.

Há muito tempo que cientistas do clima vem dizendo que a concentração de CO₂ na atmosfera tem que ficar abaixo de 350 ppm se queremos evitar um aumento da temperatura média do Planeta maior do que dois graus Celsius até o fim do século. Ao que tudo indica, enfrentaremos sérios desafios em breve. A exploração de petróleo só faz aumentar e as sutis mudanças no regime das chuvas podem provocar efeitos devastadores sobre a germinação, crescimento e, principalmente, florescimento e frutificação de muitas das espécies que nos alimentam.

Mas, olho ao redor, e parece que ninguém está nem aí. Nada disso parece nos tirar do torpor em que nos encontramos. Levianos como adolescentes dirigindo embriagados a 120 km por hora, celebramos alegres e saltitantes a descoberta de novas jazidas de petróleo e gás, compramos o carro do ano assim que um novo modelo mais bonito é lançado e o nosso fica fora de moda, assistimos ao lançamento de shoppings luxuosos inebriados pelo brilho do mármore, vemos passiva e resignadamente as florestas desaparecerem e o ar ao nosso redor ficar cada vez mais cinza e opaco. Vivemos, decididamente, em um mundo muito louco e anacrônico!

Penso em tudo isso em meio à manutenção da minha casa que acabou por incluir pequenas reformas. De repente, me vi entrando em lojas de material de construção e escolhendo cores de tinta. Comecei a entrar em lojas de móveis. Lojas enormes lotadas de coisas e coisas e coisas. Prateleiras imensas e muitas. De repente, estava comprando revistas de reforma e decoração. Um mundo que eu não sabia existir se revelou diante de mim. Um mundo de luxo e brilho, pedras, mármore, cores, design, tecidos, texturas, luzes foi surgindo diante dos meus olhos. Perguntas em turbilhão brotavam na minha cabeça diante das prateleiras, dos móveis e das revistas. De onde vem tanta lata, tanto metal, tanto plástico,

tanta cerâmica? Que buracos ficaram para trás lá onde isso tudo foi arrancado da terra? Quem são as pessoas que extraíram essa matéria prima? Como vivem? Quem são todas as pessoas que compram todas essas coisas? Porque tantos modelos de pia, piso, colchão, chuveiro? Porque as revistas e as lojas fazem nossa mobília e nossa pia parecerem tão velhos e ultrapassados? Como pode um armário custar 10 mil reais? Para onde vai o entulho gerado a cada novo lançamento de pisos e revestimentos mais lindos e modernos? De onde vem a madeira de que são feitos todos esses móveis? Será que veio de florestas plantadas? Ou estava no saque que vem diariamente (e noturnamente também) provocando o fim das últimas florestas nativas do planeta? Quanta energia foi despendida para fabricar e transportar todas essas toneladas e toneladas de coisas e coisas? Porque um cesto feito na Coreia é tão mais barato do que o feito por artesãos do nosso interior do Goiás e ainda assim esses nossos artesãos daqui vem desaparecendo tão rápido quanto as diversidade de espécies de serpentes, aves, peixes e sapos? Como pode tanto luxo enquanto tanta gente vive na feiura e na sujeira... talvez aquela mesma gente que faz aqueles móveis de luxo e as tintas e vernizes que a revestem? Como pode tudo isso nos provocar tanto desejo de ter a casa linda mesmo que para pagar por isso tenhamos que nos escravizar tanto que nem sobre tempo para curtir a casa que construímos e decoramos?

Um redemoinho de perguntas que tento responder a mim mesma no esforço de ser o mais coerente quanto consigo. Em meio a esse redemoinho que me deixa zozona, tento fazer a menor quebraadeira possível e gerar a menor quantidade de entulho que eu puder. Tento também reaproveitar tudo o que posso e me esforço para evitar sonhos megalomaniacos. Ao invés de trocar os móveis, estou reformando, trocando de cor, de função e de lugar. Ainda é muito difícil encontrar materiais ecológicos ou saber a origem do que compramos. As tentações são muitas e opções realmente sustentáveis são caras e complexas, muitas vezes inacessíveis.

Mas, o que a minha reforma tem a ver com os 400 ppm? A queima de combustível fóssil está entre as principais fontes do CO₂ que está se acumulando perigosamente na atmosfera. É uma das principais causas da queima dos combustíveis fósseis é a fabricação e transporte de coisas para cá e para lá. Fiquei atônita na última vez que

viajei de Curitiba para São Paulo e havia uma fila contínua de caminhões entre as duas cidades. Mais atônita ainda fiquei quando peguei a estrada no meio da madrugada entre Belo Horizonte e Brasília. Trânsito intenso de caminhões e carretas. O que havia dentro delas? Materiais, coisas, objetos, móveis, tecidos e tudo o mais que a nossa sede irrefreável de consumo move de um lado para outro do Planeta até chegarem nas nossas casas. Nossas decisões de consumo é que criam essa realidade. E nem adianta a gente inventar mil desculpas para isso ou para aquilo, porque a concentração de CO₂ na atmosfera será o legado que deixaremos para nossos filhos e netos. Que concentração é a que queremos deixar?



Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes, Paula Nunes e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Helena Maltez, Maria Amaziles e Vera Pinheiro
Imagens de internet
Informações: www.teiadethea.org
Nane - (61) 9677.9453 ... Andrea - (61) 3408.4065
deusaviva@teiadethea.org



Mãe,

Saídas das mais diversas tendas, hoje nos reunimos para celebrar em seu nome. Há um brilho de fogo nos nossos corações e é possível encontrar uma estrela descida dos céus, diretamente para os corações que, desavisados, deixaram portas e janelas abertas num abraço. É que nós, as filhas dos ventos, das estrelas, as netas da Lua e filhotes da Luz, estamos celebrando a vida em forma de matriarca.

Este Círculo se vê privilegiado com o resultado de oito décadas de força, alegria e muita criatividade, na presença dela. Somos todas herdeiras de seus exemplos, presenteadas com seu bom humor contagiante. E, se é fato que a dor de uma mulher é a dor de todas, também faz sentido que essa bênção se reflita no sorriso de todas nós.

Receba, então, Mãe, minha alegria como oferenda, tão bonita é a vida pela qual agradeço. Melhor, toma-me toda em oferenda, Mãe, faça de minhas palavras um instrumento seu, para que essa celebração se fortaleça em sinceridade e união.

E, a despeito da imperfeição dos nossos gestos, que predomine a intenção cristalina de que nossa irmã tão querida tenha a vida iluminada com um presente e futuro tão brilhantes que possam fazer lembrar a todos a presença do Amor.

Que ela tenha boa sorte, Mãe. E, assim abençoada, que ela possa continuar nos inspirando sentimentos e atitudes belas. Que a matriarca-jardineira tenha seus dias floridos, com raios de Sol e gotas de chuva dosados com maestria, e risadas a granel.

Que seu amor, Mãe, permita que se faça assim.

Em gratidão e alegria,

Maria

